



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

31 de Maio de 2003 • Ano LX • N.º 1545
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Na esplanada da casa da Arrábida, os rapazes lavam a grande carpete da sala de televisão.

SETÚBAL

O lixo das ruas

SEMPRE fomos para aqueles que ninguém quer — o lixo das ruas — rapazes sem eira nem beira nem ninguém que os ajude a fazerem-se homens.

Hoje em dia, os nossos são os mesmos, porém se alteraram por vezes, as situações em que estavam quando os recebemos.

Nas instâncias oficiais, intencionalmente ou não, os rapazes abandonados são objecto de uma triagem, até que se lhes encontre uma casa que os acolha. Significa isto que, depende em boa parte das suas qualidades humanas e apresentação, o seu futuro.

Foi o caso que recentemente nos chegou: dois irmãos foram retirados à família e entregues a instituição de acolhimento temporário de crianças, com vista a serem adoptados. Decorreram quase dois anos, mas ninguém os quis adoptar.

Falhada esta solução, resta recorrer a quem os não olhe com olhos meramente humanos, mas seja capaz de lhes atribuir o seu valor sobrenatural.

Aqui entramos nós! É a nossa vocação; é o nosso querer.

Como é verdade, nada haver de novo debaixo do sol! As ideias mudam; as circunstâncias também; permanecem, no entanto, inalteráveis os defeitos dos humanos pela falta de verdade nos seus actos.

Se o caminho para estes rapazes era a adopção, tal deveria ter sido o sucedido. Não se fala que há muita gente em lista de espera, aguardando por poder adoptar uma criança? Então porque ninguém quis acolher estes pequenos? Poderemos aceitar que o acolhimento de crianças por adopção, seja mais

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

«Bênção dos Finalistas»

A notícia correu célebre, de boca em boca: «O Arnaldo já é 'Stôr'». Outros diziam: «Não é 'Stôr', é Senhor Professor». Deixando de lado as questões laudativas de que nós portugueses somos pródigos, a verdade é que o Arnaldo participou na Bênção dos Finalistas, aguardando apenas os últimos retoques, nesta ou naquela disciplina, a fim de receber o tão almejado diploma que lhe abrirá as portas do futuro, na profissão que escolheu.

Durante o tempo da Bênção dos Finalistas, fui unindo a minha oração à oração de todo aquele povo de Deus ali presente. O pensamento, valia como é, fugia constantemente para as paragens da memória, trazendo para aquele presente tantos momentos da vida do Arnaldo, durante estes últimos doze anos, em nossa Casa.

Recordo-me bem de todos os pedidos que tive para ele aqui chegar e também do dia da sua chegada: bem posto, gordinho, branquinho, faces vermelhas, mas logo me dis-

parou que o que queria era estudar. Tinha o seu rumo traçado... Foi seguindo: entusiasmo este ano, algum desânimo no seguinte, também alguma preguiça à mistura, mas sempre o «quero continuar»... Indecisões no momento de transitar do Liceu para a Universidade... Que Escola? Que curso mais adaptado? Avançou.

Recordo particularmente uma noite, já no mês de Maio, do segundo ano de Faculdade. Não o esperava àquela hora. Entrou no escritório, bastante afogado e

dispara: «Se eu mudar de curso, o senhor Padre não se opõe?» Surpreendido, procurei ganhar tempo a ver se percebia o que se estava a passar... Conversámos sobre alternativas, o que ganhava e o que perdia. Havia algum desânimo porque matematicamente as contas não estavam a dar certo e as literaturas pareciam embrulhadas e todos os seus variados estilos. Havia também cansaço... Ficou de pensar melhor. O curso continuou e agora vai terminar.

Este ano teve um gesto muito bonito: decidiu dedicar algum do seu tempo livre a dar explicações aos mais pequenos que agora enfrentam o quarto ano de escolaridade.

Continua na página 3

MOMENTOS

Alegrias

FUI, no dia 17, até ao Alentejo, à Bênção das Pastas de um dos meus, da Casa de Setúbal.

— Não pode faltar. Tem de ser o meu padrinho — ordenou-me o Hélder, em tom triunfante e convidativo, pelo telemóvel.

Se há momentos onde nos sentimos padrinhos, este é um deles.

Veio pequeno para a Casa do Gaiato de Setúbal por deficiente amparo familiar e fraco aproveitamento da escola.

Duas «cunhas», de algum peso, para se entrar em nossa Casa, acrescidas do facto de estar connosco o irmão mais velho.

Só no 12.º ano é que teve de repetir algumas cadeiras, para atingir a média.

Não há gozo na vida que se compare à contemplação de um rapaz, com garra, a preparar a sua carreira.

A turbulência quotidiana em que vivemos não nos permite grandes êxtases nem o coração, demasiadamente cheio dos mais contraditórios sentimentos, tem capacidade para viver a alegria desta etapa de um dos nossos!...

Lá fomos:

A D. Conceição que tem sido a mãe dele, o Padre Júlio que o continua a apoiar, mais eu que com ele passámos o «cabo das tormentas».

Juntou-se a nós a D. Celda, o marido Luís, mais o filho Tiago. Fizemos, todos, o grupo da família e dos amigos para conviver, rezar e comerem juntos.

À refeição, foi-se comentando as «directas» do home-nageado e de como, manhã cedo, aparecia na cozinha, após uma noite de estudo, com fome, a pedir à senhora uma malga de leite com café e pão com manteiga ou doce, antes de ir adormecer.

Gostos de alma bem mais saborosos que os apetecíveis pratos e bebidas do almoço!...

De vez em quando, Deus dá-nos estas alegrias!

Quantos rapazes nossos, com capacidade suficiente para tirar um curso superior, ficam pela mediania do 9.º ou 12.º ano, só porque anseiam a emancipação económica, iludidos pelas pseudo-vantagens imediatas do dinheiro no bolso?!...

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Inaugurações

NUNCA em nossas Casas do Gaiato houve preocupação com inaugurações, seja do que for. Se fazemos alguma construção para servir, seja os rapazes ou as Comunidades que nos rodeiam, é porque fazem falta ao desenvolvimento em que estamos empenhados e o mais importante é atingir os objectivos. Inauguração é um trabalho que não vale a pena.

Agora, porém, houve uma excepção. Tratava-se da construção de uma

Escola, um Posto de Saúde, quatro casas para professores e enfermeiros, uma casa para o chefe da Aldeia, campos de basquetebol e futebol, poço artesiano e bomba de água, plantação de algumas centenas de árvores, instalação de uma população dispersa, em urbanização apropriada, com a oferta do telhado para as primeiras oitenta famílias já assentadas. Chama-se Dibiduanu, a terra, e a nova povoação, Domingues da Costa porque foi

devido ao interesse deste Amigo de Moçambique, que viveu aqui mais de vinte anos e se ofereceu para custear todas as despesas e, mais ainda, os salários de professores e pessoal de Saúde, o preparar machambas para culturas de subsistência e outras de regadio e tudo o que seja para melhorar as condições de vida deste Povo que vive a mais de cem quilómetros de Maputo.

Como é próprio das festas, os últimos dias foram de azáfama nos acabamentos em falta. O mais difícil foi localizar e trazer até ali o Régulo que mora a vinte quilómetros. A sua presença era vital para proceder à Cerimónia tradicional religiosa do povo,

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MILHÕES DE POBRES EM PORTUGAL — «*Há dois milhões e meio de Pobres em Portugal* — este era o título de um trabalho da página interior de um jornal nacional, há alguns dias. E apresentava dados e números, de facto, preocupantes. 'As pessoas estão a acabar as reservas e começam a procurar as nossas instituições', segundo as palavras do presidente da UIPSS (União das Instituições Particulares de Solidariedade Social), afirmando-se ainda que 'uma análise comparativa com os estudos mais recentes nesta área permite concluir que hoje há cerca de mais quinhentos mil Pobres no País'. São muitas as causas desta pobreza, que já vêm de longe e a que, ainda segundo a notícia, se veio a juntar a situação de perto de quatrocentos mil imigrantes em situação precária. Poderá parecer exagero esta análise. Há sempre quem diga que não há Pobres, ou, se os há, é 'por cabeça deles'. Mas este estudo e estas preocupações de quem se empenha profundamente nestes assuntos deve levar-nos a pensar. A pensar e a agir. 'Numa sociedade cada vez mais individualista é necessário recuperar e fortalecer a solidariedade familiar e as relações de vizinhança', afirma ainda o já citado Presidente da UIPSS. Por cá, continuamos também a confirmar que a situação se tem agravado. Há Pobres, apesar de todas as políticas desenvolvidas e de todas as que se propõem e que a UIPSS vai apresentar ao Governo — o contrato social de cooperação, um plano de luta contra a pobreza — ninguém está dispensado de ser solidário e de cooperar na eliminação das causas e no apoio de emergência nos casos tão diversos de pobreza. É rara a semana que à Conferência não chegue um novo apelo. Alguns casos até enviados por instituições e serviços com maior capacidade de resposta e pessoal remunerado. Mas à nossa porta tudo vem

bater: famílias destruídas e em sérios apuros pela fuga e abandono do marido e pai; outros a quem a doença surge repentinamente e grave; mais um idoso ou solitário sem o mínimo indispensável; mais um imigrante sem trabalho e/ou que sofreu acidente e se viu na rua; crianças e adolescentes e até jovens a estudar, casos muito esperançosos, mas cujas famílias e os próprios apoios escolares não dispõem das condições monetárias exigidas hoje, etc.

Há, de facto, Pobres que precisam de nós. Antes de mais, do nosso acompanhamento, de atenção afectiva, de alguém que eles reconhecem como amigo e irmão.

In 'Mais Luz' - Águeda, Novembro de 2002

Júlio Mendes

MOÇAMBIQUE

VISITA AO HOSPITAL DE CHÓKWE — Os nossos professores, no mês de Abril, resolveram fazer uma visita de estudo e reflexão sobre a sida no nosso País. Foram ao Hospital de Chókwe onde encontraram mais de cem doentes em estado terminal, todos daquela zona. Voltaram preocupados com a situação.

IRMÃO MAIS VELHO — Ficamos três meses com o nosso amigo e irmão, «o tio Quim». Gostámos muito de tudo o que aprendemos, o seu zelo por tudo, a maneira como fala de tudo o que aprendeu de Pai Américo, a experiência vivida nestes anos, hem vividos, dentro da Obra da Rua, dá-nos forças para a caminhada do dia-a-dia. Uma grande lição para todos nós é o facto de ter dedicado toda a sua vida ao Gaiato. Obrigado por tudo, «tio Quim».

REGRESSO DO PAI — Foi com muita alegria que no dia 25 de Abril recebemos o nosso Pai, o Padre José Maria, estávamos com muitas saudades, a ele desejámos um bom regresso. À sua chegada contou-nos diversas proezas que passou em Portugal, nas Casas do Gaiato. Falou-nos também que muitas pessoas amigas

mandaram cumprimentos e algumas delas presentes. Obrigado.

DIA MUNDIAL DO TRABALHADOR — No dia 1 de Maio, os trabalhadores vieram a nossa Casa sem o compromisso e a preocupação de cumprir tarefas. Foi muito bonito. Jogaram futebol, assistiram a teatro, dançaram, almoçaram connosco e, no fim do dia, cada trabalhador levou um galo como lembrança, com o objectivo de criá-lo e deixá-lo cantar.

PRIMEIRO TRIMESTRE DE AULAS — Terminámos o primeiro trimestre com um saldo negativo. A adaptação à Escola, os novos professores, o voltar às aulas depois de um longo tempo de férias, são causas deste fracasso. Agora, resta-nos organizar melhor a nossa vida para o segundo trimestre. Todos gostaríamos de descansar, mas temos de recuperar o tempo perdido.

ACONTECIMENTO TRISTE — Faleceu o nosso «tio Zé», que a vinha a desempenhar a função de sapateiro, há quatro anos.

A causa da sua morte, supõe-se que tenha sido uma paragem cardíaca, porque estava a dormir na sua casa e a altas horas da noite começou a sentir uma grande dor, que o afligia. A família levou-o de imediato ao hospital, mas pelo caminho perdeu a vida.

Que Deus receba a sua alma, e lhe dê o Eterno descanso.

Alberto António Machava

TOJAL

ESCOLA — Um mês decisivo, agora é tudo ou nada. Já se ouve falar das provas globais e os rapazes vêm-se aflitos, porque a hora da verdade é aquela que mais temem os nossos estudantes, pois, nesse instante, irão saber como se portaram ao longo do ano e que tipo de reacções tiveram com os colegas e professores.

ANIMAIS — Esta semana recebemos borregos. Agrade-

ce-mos a ajuda que nos é dada em todas as circunstâncias do nosso dia-a-dia. Também anunciamos que nasceram três vitelos. O nosso vaqueiro assistiu ao parto e ficou fascinado com as crias que ele ajudou a vir ao mundo.

CAMPO — Já está realizada a plantação da couve, tomate, abóbora e o restante da plantação continua a crescer com normalidade. Mas temos a terra bastante seca porque temos pouca água para a plantação e para a piscina que em breve vai entrar em funcionamento.

DESPORTO — O nossos rapazes têm participado em campeonatos de capoeira, também ficamos à espera de adversários para enfrentar os nossos futebolistas.

Abílio Pequeno

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Cada vez mais perto do fim, e os rapazes só pensam nas férias...

EXCURSÕES — Têm vindo algumas, e ficado satisfeitas com a visita à nossa Casa.

FRUTOS — começaram a plantar kiwis. Esperamos que dêm bons para os podermos saborear.

PROFESSORA — Temos uma nova. A D. Fabian. Dá Ciências e Matemática, e os rapazes adoram as suas aulas.

Rolando Polónia

DESPORTO — No dia 25 de Abril os Iniciados receberam o F. C. Canelas (Penafiel), e perderam. Um jogo bem disputado de parte a parte. No entanto, não conseguimos ser o elo mais forte, apesar de termos dado luta até ao último minuto. Com o terreno bastante empapado não foi possível aos nossos Rapazes, ir além de um 3-4. Podíamos ter empatado ou até ter ganho, se não fosse a generosidade do Rolando, que desperdiçou dois golos certos,

chutando para as nuvens, mesmo na cara do guarda-redes. Mesmo assim, foi considerado por todos os elementos da equipa adversária um bom jogo, e, lá foram dizendo que apesar da sua elevada estatura em relação aos nossos, não foi fácil chegar à vitória.

Esteve em destaque neste desafio a dupla Rolando/Abílio e ainda Gil e Patrick. No final e já no balneário, o atleta menos conformado com o resultado, era o «Carlos Pote»: «Tanto trabalho para nada...», este resultado não traduz o nosso esforço e a nossa entrega ao jogo. Paciência, não se pode ganhar sempre!...

Os Seniores também jogaram com um grupo de amigos do Porto. Ganham, sem grandes dificuldades.

Já no dia 4 de Abril, jogaram em casa e perderam. Quem não treina não joga. Talvez por isso, o treinador teve uma certa dificuldade em arranjar o onze completo. Recorreu ao escalão dos mais novos, e foi obrigado a chamar o «Turbinas», para poder apresentar uma equipa, mesmo sem o entrosamento necessário. Quem nos dera mais alguns «Turbinas!» Tem amor à camisola e apesar de saber o que faz dentro do campo, é humilde!... Não confundamos a humildade com a subserviência. É bom que se comece a pensar e se reconheça que não é quando a mesa está cheia, que se vêm os amigos. Ai!, quando ela só tem migalhas... há sempre uma desculpa!...

Não tem sido fácil coordenar estas andanças do futebol. Estamos a atravessar uma fase bastante difícil, aliás, nunca vista nesta Casa, e sem motivo que justifique, o que origina alguma displicência por parte de uns quantos!... No entanto, tudo se há-de levar a bom porto se Deus quiser, com o tempo e com um bom exame de consciência por parte de alguns (...), tudo voltará ao normal. Mas... dá-nos saudades doutros tempos que já lá vão, da paz que reinava no espírito de cada um, da compreensão e da comunicação que havia entre todos!... Era bom! Era bom para quem manda e para quem obedece!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

RAPAZES NOVOS — Em nossa Casa recebemos dois. Um, chama-se Luís; o outro, Madi. São dois irmãos guineenses que viviam no seio de uma família pobre e com muitas dificuldades. Estão em nossa Casa há uma semana e estão muito contentes.

BAPTIZADOS — Irão ser nove, em nossa Casa, a 22 de Junho.

Depois de terem ouvido a Palavra de Deus, na Catequese, chegou a hora de sentirem a alegria de serem cristãos.

ENCONTRO — Seis rapazes do Lar de Coimbra participaram num encontro nos Mis-

sionários Combonianos.

Este encontro era para todas as idades e baseava-se numa palavra dada por um missionário em África. Depois da palestra, houve a celebração Eucarística e, de seguida, o almoço. No fim, fizeram um teatro sobre a vida de Comboni, com a participação do Grupo Fé e Missão e de outra instituição de Coimbra.

PADRE FRANCISCO — Que costuma confessar os rapazes, em nossa Casa, esteve doente desde a Páscoa, mas, agora já está melhor. Esperamos que possa voltar a nossa Casa.

CAMPO — Os nossos rapazes continuam a cultivar o campo. A cebola já foi plantada há algum tempo, por isso já está grande. A batata também está a crescer e o milho foi semeado.

LAR — Como o nosso Lar de Coimbra, aos fins-de-semana, não costuma ter gente, os nosso vizinhos, escuteiros, pediram ao nosso Padre João autorização para o utilizarem na preparação de uma festa entre eles.

No fim da festa, os sumos e outras coisas que sobram ficariam para nós. Obrigado.

Adriano

BENGUELA

ESCOLA — Os alunos terminaram o primeiro trimestre e estão a fazer uma pausa pedagógica, esperando os resultados.

Oxalá tenham aproveitado bem, porque ninguém colhe aquilo que não semeou. Quem semeou bem, de certeza que está à espera de bons resultados; quem semeou mal, está à espera de maus resultados. Por isso, no próximo trimestre têm que fazer mais esforço.

CLIMA — Chegou o tempo do frio. É um tempo bom, por um lado, e mau, por outro. É um tempo bom, para o cultivo de certas plantas; deixaremos de ir constantemente à praia como fazíamos, porque este tempo não é bom para isso.

OBRAS — As obras da casa três estão a andar bem. Já se fez o alicerce. Agora, só falta começar a levantar as paredes. Será uma construção bonita e muito útil para nós.

CAMPO — O nosso bananal está a desenvolver-se com algumas dificuldades. Talvez seja por falta de água. Algumas plantas murcharam e já foram substituídas por outras novas. Pelo que se vê, agora, estão a crescer com mais força e rapidez. Deus queira que não murchem outra vez, porque gostamos muito de bananas. Elas dão uma boa sobremesa e uma boa merenda.

SETÚBAL

FUTEBOL — Os nossos rapazes mais velhos participaram num torneio maratona de futsal, no pavilhão gimnodesportivo da Secil. No primeiro jogo saíram vitoriosos por 4-3, mas no segundo, infelizmente, perderam por 6-1, o que os afastou do torneio. Como prémio de participação, trouxeram um troféu.

BÊNÇÃO DAS PASTAS — O Hélder já teve a sua, pois está a terminar o curso de Engenharia do Ambiente, em Beja. O padrinho que ele escolheu foi o

nosso Padre Acílio. Desejamos ao Hélder felicidades para o seu futuro profissional.

CAMPO — O «Rato» e eu somos os responsáveis pela rega da batata, da vinha e da horta. Carregamos os tubos de rega e os torniquetes para o campo, fazemos a montagem e, depois, ligamos o motor. Passadas duas horas, desligamos o motor e pomos o sistema a regar noutro sítio.

O Amândio é o responsável pela rega do milho. Coloca os dois rolos nos locais a regar, e na hora própria liga o furo.

Também andamos a dar química à batata da vinha para matar as pragas e bichos que destroem as plantas.

Festas

No dia 24 de Maio fiz anos e fui ver a nossa Festa à Costa da Caparica. Antes, fizemos Festa em Cabanas, Palmela e Barreiro.

Temos ainda as seguintes:

- 31 de Maio — 21.30 h, Grupo Desportivo de SESIMBRA.
- 1 de Junho — 16.00 h, Centro Paroquial do MONTIJO.
- 7 de Junho — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.
- 10 de Junho — 21.30 h, Sociedade Instrução Musical, QUINTA DO ANJO.
- 14 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica União Seixalense, SEIXAL.
- 19 de Junho — 21.30 h, Fórum Luísa Todi, SETÚBAL.

António Loureiro

Moçambique

Continuação da página 1

para tornar propício à população o uso dos benefícios a receber naquele dia.

Além do casal Domingues da Costa e sua Mãe, estavam presentes as Autoridades locais e da Administração da Naamacha que, em nome do Governo, receberam a doação. Presente também um representante do Embaixador de Portugal e o Cônsul Geral de Moçambique.

Na hora aprazada, após a visita dos convidados a todas as construções e os pontapés de saída nos campos de jogos, todo o mundo afluíu para a sombra de uma grande árvore, creio que uma figueira. Foi aí que se realizou a cerimónia tradicional que constou de uma oração, da aspersão da base da árvore com uma bebida

branca e culminou na degola de um cabrito que foi juntar-se ao boi abatido na véspera para a refeição festiva do dia.

Seguiu-se um tempo de discursos de circunstância com manifestações de regozijo e agradecimento com a palavra final da Chefe do Posto Administrativo de Changalane, a que pertence a nova povoação. Pessoa profundamente comunicativa, com o seu canto e dança, embelezou um quadro perfeito de comunicação com todo o Povo, que por sua vez se manifestou nas suas danças tradicionais. O Grupo Milorho, formado por jovens estudantes, veio da cidade para dar um remate brilhante com as suas danças bem coreografadas e interpretadas artisticamente, a este dia que foi

certamente o primeiro grande dia de uma população que tem vivido esquecida, desorganizada, sem acesso aos mais elementares Direitos Humanos.

Para já, a Escola funciona com cinco turmas da primeira à quinta classes e duas turmas de alfabetização de adultos. E digo para já, porque estamos a preparar pessoal tanto para a Escola como para a Saúde, pois, até agora, as estruturas do Estado não deram o menor sinal de satisfação e de interesse em colocar a render o

que ali foi expressamente oferecido para o bem estar e desenvolvimento da população. De quanto veio parar às nossas mãos, não ficou um centavo pelo caminho, que isso seria atraí-lo ao doador e o Povo a quem procuramos servir, disponibilizando o nosso tempo e experiência. Em coisas que compete ao Estado fazer, fica a experiência para nunca mais. Por muito que nos doa o desinteresse, nunca encherão a barriga os que não têm fome.

Padre José Maria

PENSAMENTO

Oh Mundo que tanto necessitas de misericórdia, de misericórdia, de misericórdia! Só por ela te salvas. Só os mesicordiosos ensinam.

PAI AMÉRICO

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Damos graças a Deus por este nosso rapaz que sobe à vista dos colegas e se torna modelo de que é possível um Gaiato chegar onde ele chegou. Pedimos as bênçãos do Pai para que o seu caminho seja de vida cheia. Ele saberá transmitir, não só o conhecimento dos livros, mas, aos seus alunos, falará também do esforço necessário para se ser homem, ajudando os desanimados da vida a retomar o caminho até à meta.

Arnaldo, se te sobrar um tempito, lembra-te que, aqui em Casa, também há gente que precisa de aprender estilos literários e matemáticas. Muitos precisam, sobretudo, de aprender a decodificar aquelas coisas negras ou de cor que se colocam em cima do papel e com as quais, no jogo dos símbolos, dos significados e significantes se consegue atingir a comunicação.

Bom trabalho, no rumo da tua vida!

Padre Manuel Cristóvão

nos unia, mais fiel a tua do que a minha, permitiu que te abrisse em generosas revelações, com um Rapaz...

De facto, deixar para trás uma carreira de alto funcionário público por conta de uma «martelada» espiritual, para ser pobre ao serviço dos Pobres, não se justifica por um qualquer desgosto de amor como o mundo dos comuns mortais gosta de especular. Cedo começaste a tua vida de vicentino, acumulando com trabalho e estudos. Conheces a miséria no vale e encostas de Alcântara e tiveste, no seu Pároco, um dos teus mentores espirituais. Ouviste e leste Pai Américo e deixaste-te tocar por ele.

Várias vezes ouvi alguns «entendidos» mais atrevidos opinar sobre a quinta do Tojal como não estando conforme com as tuas habilitações de Engenheiro Agrônomo. Ignorantes!

Primeiro, porque a quinta nunca esteve em condições de envergonhar ninguém, sobretudo os Rapazes que a amanhavam. Lembro-me das campanhas da azeitona, da batata, do feno, etc., e dos frescos sempre disponíveis para consumo diário na nossa cozinha, num tempo em que as grandes superfícies não existiam...

Depois, porque a tua «agricultura» era dirigida às pessoas, apesar de «Padre feito à podoa», como costumavas dizer na tua humildade. Havia que lançar a semente da salvação, física e espiritual, em centenas de jovens que, como Pai Américo, ajudaste a descobrir a sua própria consciência...

Levantaste, juntamente com os Rapazes e a multidão dos Amigos anónimos, a Aldeia do Tojal. Subiste muitas vezes aos altares das igrejas da Grande Lisboa para, em homilias vigorosas, cheias de testemunho de vida — de Evangelho —, despertares consciências e apelares à partilha, sublinhando que quem pedia eras tu, o Padre da Rua, e não nós, os Rapazes, que estendíamos a bandeja por entre a assembleia. Obrigado por isso.

Muitas vezes eras interpelado por nós com um «onde vais?», ou, «onde vamos?», já que, raramente, saías sozinho. «A casa do brotas», respondias tu. Pois esse misterioso «brotas» revelava-se sempre como uma peregrinação pelos Ministérios, ou outros serviços públicos; por um contacto com ex-colegas e amigos em busca de apoio; por uma visita a um antigo professor, ou em apoio a um amigo da Obra em dificuldade. O teu *Bloco-Chic* e a tua prodigiosa memória, qual disco rígido da actualidade, marcavam a tua agenda de acções e intenções constituindo, a meu ver, um verdadeiro tratado do como encarar a memória das coisas e das pessoas e o sentido da gratidão.

A tua coluna *Aqui Lisboa* em O GAIATO tinha leitores fiéis e era, juntamente com as Festas, em particular no Monumental, tribuna para a tua mensagem em busca da Verdade.

Nem sempre os Rapazes te terão compreendido. Tu também nem sempre nos terás compreendido a nós. Por vezes, terás mesmo sido demasiado contundente. Entre nós dois, por exemplo, houve momentos de fortes divergências. Já o disse publicamente e volto a afirmar. É o processo educativo. Qual é o pai que não se engana convicto da razão e de que está a fazer o melhor pelos seus filhos? Hoje, que sou pai, vejo isso claramente e louvo os Padres da Rua pela sua generosidade, pela sua entrega, pelo seu sacrifício. Mas quero fazer-te justiça. Estou convicto que fizeste sempre tudo em defesa de todos nós!

Momentos

Continuação da página 1

Quem os convence a lutar de acordo com as próprias capacidades, já que o que tem dois deve render quatro como àquele a quem foi dado cinco tem de produzir dez?

Todo o ambiente cultural que os rapazes bebem nos jornais, nas revistas, na televisão e nas conversas é contrário a este incitamento e, quase sempre, a força do estímulo familiar se esbate perante a condescendência reinante.

Não basta que as leis obriguem pelo facto de estarmos na Europa. É urgente, por todos os meios legítimos, ultrapassar este clima de ligeireza, de culto exagerado de direitos e leviandade.

Quantas dores dos padres da rua, em todas as Casas, têm aqui a sua fonte! Quantas? E há quanto tempo? E até quando?

Tudo desmotiva os rapazes do estudo. Não se compreende a cegueira juvenil, embebedada por ilusões emocionais da afectividade, ou do sexo, exibidas num à-vontade nunca visto, em jactância de progresso, como se isso não fosse apanágio, sim, da pré-história humana e da falta de civilização

Um verdadeiro retrocesso do homem, evidente nas consequências sociais à vista.

Não nos deslumbramos com o Senhor Engenheiro, mas as capacidades desenvolvidas nos estudos e os saberes adquiridos não-de beneficiar a comunidade dos homens que não só o progresso da sua família e o seu bem-estar humano.

Rogamos-lhe que não se deixe embaraçar pela posição social, iludir pela competência técnica, ou, cegar pelo poder económico, mas que continue a ser um filho de Deus fiel, irmão de todos os homens, sobretudo, dos mais fracos e pobres.

Se até aqui preparou a sua carreira terrena, com esta ensinará a Vida Eterna. E, por ela, vale a pena todos os sacrifícios.

O resto é fumo!

Padre Acílio

Aproveito para transmitir aos Rapazes o pedido de perdão de que me fizeste portador, nos últimos dias, bem como o abraço para todos, desenhado pelas tuas mãos entrelaçadas, porque a voz já te faltava.

Vou terminar invocando a vida espiritual. Não sei se cometo sacrilégio ao afirmar que estarás sempre no céu... e na minha memória. Continuo a procurar, às vezes angustiado, o dom da fé. Porém, as tuas homilias, aos Domingos, vibrantes e carregadas de afecto por todos nós; o lava-pés de Quinta-Feira Santa, acompanhado do livro de Pai Américo, com uma mensagem tua, que nos distribuías no amplexo do abraço da Paz; o Pai-Nosso que nos convidavas a rezar, a mim e ao meu irmão, na Clínica e, por último, a honra que me deste de te depositar na sepultura, aberta no cemitério do Calvário, serão para mim âncora para a vida.

Procurarei ser digno da tua memória. Até sempre!

Jorge Cruz

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

Até sempre!

Morreu o senhor Padre Luís. Nós, gaiatos, que passámos pela Casa do Gaiato do Tojal, a Igreja e a Obra da Rua ficámos mais pobres com esta perda. Aqui deixo a manifestação do meu pesar no tom filial que considero adequado.

«Na estrada, de Santo Tirso para Guimarães, há uma quinta que tem uma placa no portão que diz: Dispensa-se quem saiba apenas mais. Aceita-se quem faça melhor!»

Várias vezes te ouvimos esta referência. Penso que ela sintetiza a tua filosofia de vida.

DESPORTO — O campeonato zonal está a correr bem, mas a nossa equipa não. Perdemos a maioria dos jogos e o mais triste é que perdemos no nosso próprio campo. Mas parece que a equipa, agora, está disposta a aproveitar o tempo que resta, pois prometemos fazer melhor. E a prova disso foi termos ganho por 3-2. Valeu a pena. Se nos esforçarmos mais poderemos ocupar uma boa posição na classificação, porque o primeiro classificado tem poucos pontos.

M. S. A. — R. M.

Muitos conhecem a tua história e já a referiram publicamente. Eu próprio te desafiei, em determinada altura, para, que numa conversa/entrevista, falares sobre os factos que te levaram à opção pela vida consagrada aos mais Pobres e, em particular, à Obra da Rua e seus Rapazes. Lembro-me de várias sessões, sentados junto ao cruzeiro da nossa Aldeia, no Tojal. Creio que só a amizade que

SETÚBAL

Continuação da página 1

uma forma do consumismo que impera nos nossos dias?, que é o mesmo que acolher só aqueles de quem naturalmente se gosta!

Comparativamente, poderá aceitar-se que os pais que esperam seu filho em gestação, o recusem caso não seja do seu agrado?

Como Pai Américo tão bem dizia, «*nós amamos o rapaz com todos os seus defeitos, todos os seus vícios, todas as suas qualidades. Ele há-de aperfeiçoar-se nestas, ao tempo que se vai despindo daquelas, sim, mas é preciso criar-lhe ambiente... ambiente de família*».

Esta é que tem de ser a norma para quem lida com os melhores frutos da humanidade: os filhos, gerados ou adoptados.

Padre Júlio

Estará de volta o Ensino Técnico-Profissional?

NOTÍCIAS vistas esta semana, em um dos nossos Diários, abriram-nos um pouquinho a esperança de que talvez...

«O País precisa de cento e cinquenta mil técnicos qualificados» — dizia um título. E no texto se esclarecia que este número diz respeito a «técnicos de formação inicial»; porque de «técnicos de formação em serviço e aproveitamento são precisos setecentos e trinta e sete mil».

Outro título afirmava que «Estudo defende a duplicação até 2008 de diplomados no Ensino Profissional», deixando para o texto o lamento de que «o Ensino Secundário esteja de costas voltadas para o mercado do trabalho».

O «Estudo» de que se fala, cuja apresentação está na origem destas notícias, foi encomendado pela *Associação para o Desenvolvimento Económico e Social* e confiada a sua coordenação a um ex-Secretário de Estado da Educação. Quanto percebo da notícia, o Estudo situa-se na área do Ensino Secundário e procura-lhe «um contributo para ultrapassar

a actual situação crítica», concretizada na «insuficiência de respostas às candidaturas ao Ensino Profissional» e na frequência do abandono escolar depois do 10.º ano.

É urgente, pois, reforçar a formação de técnicos de nível intermédio — níveis 3 e 4, sobretudo o primeiro — o que o próprio Ministro da Educação classificou de «uma mais valia social», perante «o mito do *canudo* que já não é o que era» — assim se lê no jornal. Tal requer, porém, informação séria aos Encarregados de Educação, que contribua para o desfazer de preconceitos sociais; e orientação aos alunos que os ajude «no processo de desenvolvimento de perspectivas sobre a vida activa e de adulto e à tomada de decisões sobre formação e carreiras». Daí a necessidade de uma verdadeira orientação vocacional incluída no currículo da Escolaridade Básica e não constituída, apenas, por algumas sessões de informação realizadas no 9.º ano por psicólogos que não dominam perfeitamente esta área específica de aconselhamento, como tem sido até agora.

«O 9.º ano — e depois?» — é uma inter-

rogação que se tornou clássica e muitas vezes mal respondida.

Nas Escolas tradicionais falta, justamente, uma tradição que torne viva a *via profissionalizante* entretanto criada em paralelo com a *via da prossecução de estudos*. Outras respostas profissionalizantes surgiram para quem alcançou o fim da Escolaridade obrigatória. Mas a seriedade delas e sua consequente qualidade é muito desigual. É sabido de quantas tiveram por objectivo principal o consumo dos apoios financeiros cujos frutos nunca se mediram pela qualidade da formação.

Mesmo o insucesso e abandono do Secundário também se explica pela debilidade da formação da maioria no fim da «Escola toda». Impreparados que chegaram a esta meta e a passaram, não suportam as exigências maiores do Secundário... e desistem.

Se os problemas da Escola vêm já dos ciclos em que ela é obrigatória; e dada a urgência da formação de técnicos de nível intermédio — porque não ter a coragem de sair das fronteiras do Secundário a que se

confinou este Estudo e ressuscitar uma realidade que foi fecunda e deixou um vazio: o *Ensino Técnico* assumido como *Profissional* desde idades mais tenras e mais propícias à criação de hábitos e mentalidades e à descoberta e avaliação de sensibilidades?

A palavra profissionalizante, a par da profissional, sugere-me uma valia secundarizada, um adjectivo difícil de substantivar — e, na verdade, da *era do profissionalizante* o que fica em comparação com a *do profissional*?

As estruturas físicas não faltam para tornar possível esta ressurreição: as antigas Escolas Comerciais e Industriais que ainda aí estão, naturalmente carecidas de actualização de equipamentos depois de três dezenas de anos que passaram sobre a desfiguração do seu ser. As estruturas humanas serão, como em tudo o que visa directamente o homem, o menos fácil. E o que verdadeiramente importa é uma mentalidade nova, limpa de igualitarismos sem critério que acabam por tornar-se ainda mais selectivos.

«Cento e cinquenta mil técnicos de formação inicial» — eis a meta próxima da urgência sentida... e sofrida. Ainda que se procure mitigá-la no imediato com alteração de vistas e estratégias ao nível do Secundário — não se descure um remédio a mais longo prazo que volte a preparar melhor as novas gerações para a era tecnológica em que vivemos: Começar do princípio.

Padre Carlos

BENGUELA

Desenvolvimento de um Povo

ONDE está um dos factores decisivos do desenvolvimento dum Povo? É na família unida. Posso afirmar com toda a convicção que as Famílias Unidas são um factor decisivo para o desenvolvimento dum Povo.

Em boa hora o Ministério da Família e Promoção da Mulher, de Angola, lançou uma campanha nacional a favor da unidade da família. Estamos de mãos dadas com esta iniciativa.

Há dez anos, quando a Casa do Gaiato retomou a sua actividade, depois da noite longa da nacionalização, dezenas de mulheres, com os seus filhos às costas, bateram à nossa porta, à busca do pão para sobreviverem. Acolhemo-las e demos-lhes trabalho no campo e noutros lugares. Foi a salvação delas e dos filhos. A maior parte ainda vive connosco, enquanto não regressam às suas Aldeias, no interior de Angola. Inventámos um infantário para os bebés e os filhos mais pequeninos. São uma porção muito querida da nossa actividade. Fazem a família de fora com o cordão umbilical ligado à família de dentro. A nossa Escola é a Escola das suas crianças. O nosso Posto de Saúde é o remédio para as suas doenças. São mais de mil pessoas directa e diariamente dependentes da Casa do Gaiato.

Onde estavam os homens com quem viveram e tiveram os filhos? Tinham desaparecido: uns, com as armas nas mãos; outros, refugiados em lugares mais seguros; os restantes, juntos com outras mulheres, abandonaram as mães e os filhos; finalmente, os que morreram na guerra. A miséria, entretanto, tomou conta da vida destes nossos irmãos.

Lançámos mão à obra de restauração da dignidade humana. Fizemo-lo movidos pela Caridade, sempre alimentada pelos donativos materiais que depositastes em nossas mãos, mais as palavras de alento que nos iam chegando. A voz da Justiça clamava, cada vez mais alto, contra a violação gritante dos direitos básicos das pessoas. Mais fogo, mais amor para responder aos pedidos humildes que vinham do mais profundo dos farrapos humanos que são pessoas como eu e como vós. A alma da justiça é a caridade. Quem ama, de verdade, é sempre sensível à injustiça e não pára mais. Enquanto não fizer tudo o que puder para ter paz. Sim, a paz da consciência é um fruto da justiça.

Grande surpresa! A pouco e pouco, muitas famílias se refizeram. Os filhos puderam, de novo, chamar pai àquele que os fez nascer. Outras, agarradas com mais amor e confiança aos seus filhos, olham para o futuro, de cabeça erguida. São mulheres decididas a dar aos seus filhos o seu coração todo. Vivem unidas em família. Qual o segredo? A miséria foi vencida, graças ao apoio que lhes foi dado pela nossa Casa.

Na verdade, as famílias unidas são um factor decisivo para o desenvolvimento da Nação. Daí que haja uma verdadeira política para a família que tenha em conta as causas básicas da desagregação familiar. Entre elas contam-se, sem dúvida, a pobreza extrema e a miséria em que vive a maioria das pessoas. Falar de coisas altas e nobres a estômagos vazios não dá resultado. Temos a experiência, embora pequenina, do que vos

falei acima. A transformação operada nas pessoas que vivem de mãos dadas connosco é fruto do mínimo necessário que têm para viver.

Outra forma de pobreza extrema é o analfabetismo em que anda mergulhada mais de setenta por cento da população, com predominância das mulheres. Não há dúvida de que uma das causas da família desagregada é a falta da educação. Estamos a dar a mão com as aulas de alfabetização às mulheres que querem e ainda são capazes, pela idade que têm. É tão bonito ver as mães com os seus filhos às costas, à sombra das árvores, com a esferográfica e o caderno na mão, rodeadas pelas crianças mais velhas que frequentam a Escola também.

São grupos pequeninos, é verdade. São as nossas e não queremos deixá-las pelo caminho. Quem dera que toda a sociedade civil sentisse esta obrigação de ajudar Angola a crescer na dimensão mais importante da sua riqueza: A mulher e o homem. Ajudá-los a caminhar um ao lado do outro. Ajudá-los a fazer uma família unida.

A habitação é um outro factor que pesa na unidade do agregado familiar. A precariedade generalizada das habitações diz bem

da insegurança do edifício familiar. Estamos diante doutra montanha que é preciso escalar.

Ao debruçarmo-nos sobre este tema mexemos com a nossa própria vida. Os filhos acolhidos em nossa Casa são fruto da ausência da família. As crianças que povoam as ruas das grandes cidades estão ligadas aos grandes problemas familiares. Por isso, quando o Governo reflecte sobre a unidade familiar como um factor de desenvolvimento da Nação está a lançar uma pedra fundamental na reconstrução segura do País.

Enquanto escrevo estas notas, está um casal à minha espera. Já sei o que vem pedir: ajuda para a construção duma casa nova. Antes, estavam separados. Os filhos estavam divididos. Decidiram recomeçar vida nova com uma casa nova, que a velha foi engolida pelas águas do rio Cavaco. Ontem, veio sozinha. Pedi que viessem os dois, hoje. Aí estão à minha espera. Quem me dera falar-vos sempre da nossa vida! Vamos continuar a ajudar Angola no seu desenvolvimento pelo caminho da unidade familiar.

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

Campanha de assinaturas

TERMINÁMOS, em Leiria, esta longa fase de campanha e angariação de assinaturas d'O GAIATO. Haverá ainda, quando for oportuno, uma segunda fase, pois há localidades onde ainda não fomos para este efeito: Mealhada, Anadia, Mira, Cantanhede, Monte Real e Pombal.

Recordamos com gratidão essa longa jornada de fins-de-semana seguidos: Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Tortozendo, Proença-a-Nova, Sertã, Figueiró dos Vinhos, na cidade de Coimbra, toda a Quaresma e, já depois da Páscoa, Abrantes, Tomar e Leiria.

Se todas estas deslocações nos trouxeram algum afastamento momentâneo da nossa Casa, sempre carente da nossa presença e proximidade, elas avivaram em nós dois sentimentos. Um, mais pessoal, vocacional, que partilhamos. É uma graça, dom de Deus, pregar os Pobres em Nome de Cristo e da Igreja. Apostolado de grande riqueza e fecundidade, em primeiro

lugar, para aquele que vai e prega. Trata-se de uma oportunidade maravilhosa de aprofundar o espírito mendicante, tão específico nos Padres da Rua, na linha da caridade que norteou toda a vida sacerdotal do Padre Américo. Foram muitos os que lamentaram a nossa ausência nas Comunidades cristãs: «O vosso testemunho faz-nos falta...» As comunidades com as suas liturgias solenes e cheias de beleza, como tivemos oportunidade de o constatar, em variados lugares, envolvendo os crentes numa atmosfera de inegável fervor espiritual, sentem necessidade de testemunhos vivos que corporizem na vida o que na fé se professa. Nessa linha se situa o testemunho da Obra da Rua, das Casas do Gaiato e do Calvário.

Quem dera a nossa passagem, para além das largas centenas de novos assinantes d'O GAIATO, tivesse sido ocasião de despertar novas vocações de consagração, tão necessárias elas são, para o serviço dos Pobres, das Crianças e do Calvário, na

Obra da Rua. Que grande aflicção está este problema causar nas Comunidades, cada vez mais, privadas de tão necessária assistência espiritual. Com o Padre Américo afirmamos que em tudo e, particularmente no vasto campo dos problemas humanos, agora e sempre, menos técnica e mais amor. Amor gratuito, oblativo, sem presas e por inteiro: o amor verdadeiramente vocacionado. Este o grande desafio que percorre toda a mensagem de Jesus. Eco dos seus gritos mais profundos, desde a Sua vida pública até à oferta total na Cruz: «Tenho dó desta multidão». Este o Seu Testamento confiado, desde o princípio, à Sua Igreja e que de forma tão eloquente tem sido assumido, ao longo dos séculos, por tantos homens e mulheres, os quais, na oferta das suas vidas escrevem, em páginas de ouro, as mais belas páginas da história da Igreja, tantas vezes ignoradas e incómodas.

É preciso que muitos voltem a ouvir este grito, que venham, que deixem tudo — tudo que é nada em comparação com a grandeza do Reino! Novos e audazes para contrariar esta cultura irrespirável do culto pelo efémero e passageiro que vai tomando conta e enche de vácuo os corações. Há sinais por aí! Os profetas não morrem!

Padre João